

Sé de Portalegre — Desenho de Nogueira da Silva

Presidia na egreja Ægitanense o cardeal D. Affonso, filho del-rei D. Manuel e da rainha D. Maria, [1] quando administrava a real abbadia de Alcobaça, como abbade commendatario, D. Jorge de Mello, a quem a havia cedido o seu amigo e protector D. Jorge da Costa, mais conhecido pelo titulo de cardeal d'Alpedrinha.

O empenho de estabelecer condignamente o cardeal infante, levára D. Manuel, em 1519, a instar D. Jorge de Mello pela permuta, com D. Affonso, da abbadia de Alcobaça pelo bispado da Guarda.

Acceitou D. Jorge de Mello, violentado, a nova dignidade, que jámais exerceu na sua cathedral, fixando a residencia em Portalegre, que então pertencia áquella diocese. [2]

[1] Nasceu em Evora aos 21 dias de abril de 1509. A este principe mandou o papa Leão x o capello de cardeal no anno de 1516 com o titulo de bispo Zagitano. *Damiao de Goes, chronica d'el-rei D. Manuel*, parte III cap. XLII.

[2] Foi tanta a magoa de D. Jorge de Mello, diz Cardoso (*Agiologio Lusitano*, Tomo I, pag. 435), pela forçada renuncia da abbadia de Alcobaça, que nunca entrou na Guarda; e acrescenta Carvalho (*Chorographia Portugueza*, Tom. II, pag. 343) que dizia *nao havia de ir a terra onde matavam os bispos*. Effectivamente havia sido assassinado o seu predecessor D. Alvaro Chaves.

E com effeito, n'esta villa permaneceu os trinta annos que a governou, em tamanha distancia, interpondo-se, além d'isto, o Tejo, que, nas grandes invernadas, obstava a que se communicassem.

Reconheceu-se, n'essa epocha, que um só prelado não podia reger convenientemente um territorio tão vasto, com povoações derramadas, e dividindo-as tão caudaloso rio.

Fallecêra D. Jorge de Mello a 5 de agosto de 1549, [1] e, aproveitando a vagancia da cadeira episcopal, para remediar aquelles males, sollicitou el-rei D. João III do pontifice Paulo III a creação de um novo bispado, desmembrando-se do da Guarda as terras transtaganas, e annexando-se-lhes outras do arcebispado d'Evora.

Era Portalegre, a esse tempo, villa importante, não só pela sua industria, mas pela avultada população, e luzida nobreza; já em 3 de janeiro de 1533 a havia provido el-rei D. João III de corregedor, creando uma nova correição, de que ficou sendo cabeça. [2] Es-

[1] *Cardoso, Agiologio Lusitano*, l. cit.

[2] Vide no *jornal de Coimbra*, num. XXV, *Memoria sobre a subdivisao das correiçoes no reinado do senhor D. Joao* III, etc: *por Joao Pedro Ribeiro.*

tava, por consequencia, nas circunstancias de lograr a preeminencia de cidade, cathegoria a que de feito a elevou o mesmo rei em 1550. [1]

Paulo III attendeu a tão justa como necessaria providencia, erigindo o bispado de Portalegre por bulla de 18 de agosto de 1549. Houve, porém, alguns equivocos na exposição das premissas que encontraram a execução da bulla; e, para os esclarecer, recorreu novamente el-rei ao pontifice Julio III, que por outra bulla de 2 de abril de 1550 [2] dirimiu todas as duvidas.

E foram executores d'esta segunda bulla D. Fr. Jorge de Santiago, bispo de Angra, e D. Fr. Bernardo da Cruz, bispo de S. Thomé, ambos religiosos, que haviam sido da ordem de S. Domingos. [3] Ficou, então, definitivamente constituido o novo bispado pela cidade de Portalegre, e pelas villas de Marvão, Castello de Vide, Montalvão, Povoa e Meadas, Niza, Alpalhão, Villa Flor, Arez, Chancellaria, Ponte do Sôr, Longomel, Margem, e Alegrete; annexando-se-lhes do arcebispado d'Evora Assumar e Arronches. [4]

É composto, ao presente, de trinta e cinco freguezias, distribuidas por nove districtos ecclesiasticos: Portalegre e concelho dez; Castello de Vide, quatro; Niza, sete; Arronches, seis; Marvão, tres; Chancellaria, duas; Ponte do Sôr, uma; Alpalhão, uma; Assumar, uma.

II

Casára el-rei D. João III, em 5 de fevereiro de 1525, com D. Catharina, filha de D. Filippe o I do nome, rei de Castella, e da rainha D. Joanna, filha dos reis catholicos, e mãe do imperador Carlos V. [5]

Viera de Castella com a princeza, entre outros varões notaveis, D. Julião d'Alva, sujeito de grandes virtudes e prudencia, a quem nomeára seu esmolermór e confessor. [6]

Creado o bispado de Portalegre, para o que tambem concorreu este clerigo, [7] pediu a rainha D. Catharina a el-rei D. João III, o apresentasse bispo da nova diocese, sollicitando do papa a confirmação canonica.

Foi satisfeita a recommendação, e em 1550 deu o notario apostoliço, Sebastião d'Andrade, posse da mitra a D. Julião d'Alva, que logo entrou no cuidado de fundar sé, e organisar cabido, para o solemne exercicio das funcções pontificaes.

Não era, todavia, empreza facil por carencia de meios. Da pingue herança que deixára o bispo D. Jorge de Mello, ainda se propoz D. Julião d'Alva apropriar-se, para este fim, de uma parte; mas não foi bem succedido no intento, porque lhe contestou o direito o mosteiro das monjas da ordem de Cister. [8]

Existiam, a esse tempo, na cidade, tres templos notaveis por sua antiguidade, e todos tres parochiaes; o de Santa Maria do Castello, da ordem de Aviz; [9] o de Santa Maria a Grande, da ordem de Christo; [1] e o de S. Vicente, da ordem de Santiago. [2]

Tomou o bispo D. Julião d'Alva para cathedral a egreja de Santa Maria do Castello, [3] encorporando nas suas rendas, com permissão d'el-rei, como grão-mestre das tres ordens militares, as das outras duas egrejas. Ameaçava, porém, ruina a de Santa Maria do Castello, era forçoso abandonal-a, e lançar os fundamentos de uma nova sé.

A 14 de maio de 1556, no mais alto da cidade, lançou D. Julião d'Alva, com as solemnidades costumadas, a primeira pedra da cathedral, dedicando-a a Nossa Senhora d'Assumpção, como todas as mais do reino. [4]

Consta o anno de uma breve inscripção sobre a porta principal, que diz:

Coepit hoc templum extrui an. Dñi 1556; [5]

e o dia da dedicação, 14 de maio, da taboa, e kalenda do uso do coro.

Achando-se occupado n'esta pastoral empreza, foi D. Julião d'Alva assumpto, um anno depois, ao bispado de Miranda, vago pela morte do seu companheiro e amigo D. Turibio Lopes. Esta transferencia não empeceu o proseguimento da obra: cremos porém que continuou mais demorada, porque, não constando que lhe désse impulso seu successor D. André de Noronha, [6] é certo que veiu a concluil-a o bispo, que se lhe seguiu, D. Fr. Amador Araiz. [7]

Foi este venerando prelado quem mandou construir o retabulo da capella mór, que entesta na abobada e no tecto, todo pintado e doirado gentilmente, e n'elle collocou a formosissima imagem de Nossa Senhora. [8] Foi elle quem mandou construir o retabulo da capella de Nossa Senhora do Carmo, e deu quarenta mil réis para o retabulo da capella do Santissimo Sacramento, e egual quantia para o da capella de S. Pedro. A sua custa se pintou a capella das Chagas, e se lageou e ladrilhou todo o templo; e mandou, tambem, acabar e aperfeiçoar a torre do relogio (deu o relogio o bispo D. Diogo Corrêa, que succedeu a D. Fr. Amador Arraiz), construiu o seminario, e os paços episcopaes. [9]

Outros actos de generosa liberalidade praticou ainda D. Fr. Amador Arraiz, cuja memoria tão chara é aos homens de lettras pela excellencia dos seus *Dialogos*.

Resgatou todos os seus diocesanos que haviam sido captivos em Africa, na infeliz jornada d'el-rei D. Sebastião; [10] offereceu cinco mil cruzados a el-rei D. Filippe para a invencivel armada; vestiu, e distribuiu

[1] *Geographia Historica de Portugal por D. Luiz Caetano de Lima*, Tom. II, pag. 273. Tinham assento os procuradores de Portalegre, nas antigas cortes, no quarto banco com os de Bragança, Thomar, Monte Mór o Novo, Covilhã, Setubal, Miranda. *Mappa de Portugal pelo padre João Baptista de Castro*, Tom. I, cap. XIII, pag. 445.

[2] *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza por D. Antonio Caetano de Sousa*, Tom. III, pag. 486.

[3] *Carvalho, Chorographia Portugueza*, Tom. II, pag. 557. — *Agiologio Lusitano*, Tom. I, pag. 428. — *Catalogo dos Bispos de Portalegre pelo Conde de Monsanto.* — *Nas Memorias da Academia Real de Historia Portugueza*, Tom. I.

[4] *Geographia Historica, etc. l. cit.*

[5] *Dialogos de varia Historia por Pedro de Mariz*, Dialogo V.

[6] *Historia Genealogica da Casa Real*, liv. IV, tom. III, pag. 486.

[7] *Relaçao dos Senhores Bispos de Portalegre*, nas *Constituiçoes do Bispado, etc.* pag. 52 v.

[8] *Memoria historica do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceiçao de monjas da ordem de Cister da cidade de Portalegre*, que havemos publicado no *Instituto*, vol. VI, pag. 148, vol. IX, pag. 49, vol. X, pag. 20.

[9] *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal reformadas pelo Licenciado Duarte Nunes de Liao, Desembargador da casa da Supplicaçao*, tom. II, pag. 73. — *Santuario Marianno*, tom. III, pag. 367.

[1] *Duarte Nunes de Liao*, l. cit. pag. 72.

[2] *Brandao, Monarquia Lusitana*, parte V, liv. 17, cap. 54.

[3] *Agiologio Lusitano*, tom. II, pag. 248.

[4] «Em todas as cathedraes do reino de Portugal se festeja com especial culto a Assumpção da Sempre Virgem Maria, Mãe de Deus e Senhora Nossa, e a este soberano Mysterio são dedicadas desde tempo immemorial.» *Agiologio Lusitano*, tom. IV, pag. 533.

[5] Substituiu a antiga porta um formoso portico de columnas *monolithas* de marmore preto, mandado construir, modernamente, pelo Bispo D. Manuel Tavares, que, em seguida á inscripção transcripta, accrescentou a seguinte:

Instauratum postea anno salutis 1795.

[6] D. André de Noronha, filho natural de D. João de Noronha, que èra filho de D. Fernando de Noronha, II marquez de Villa Real, foi deão da capella do principe D. João, e nomeado bispo de Portalegre por el-rei D. Sebastião. Foi um dos maus portuguezes que mais serviços fizeram ao usurpador D. Filippe de Castella, de quem sempre se ostentára sectario exaltado. Hospedou-o nos seus paços com toda a sua corte, antes de se dirigir a Thomar. Em paga de todos estes serviços promoveu-o ao bispado de Placencia, em Castella, que rendia sessenta mil cruzados, quatro vezes mais que o de Portalegre. — Veja-se o *Quadro Elementar das Relaçoes Politicas e Diplomaticas de Portugal*, tom. XVI, pag. 88 e 89.

[7] E por isso, talvez, que fr. Agostinho de Santa Maria no *Santuario Marianno*, tom. III, pag. 366, diz: «A cathedral edificou D. Fr. Amador Arraiz.» O que é inexacto.

[8] Custou tres mil cruzados, segundo affirma Diogo Pereira Souttomaior no seu *Tratado da cidade de Portalegre etc.*

[9] *Relaçao dos Senhores Bispos de Portalegre* nas *Constituições do Bispado etc.* pag. 53 v.

[10] *Evora Gloriosa pelo P. Francisco da Fonseca*, pag. 314.

mil réis a cada um dos soldados que se recrutaram na sua diocese para outra armada. [1]

Resignando, a final, o bispado, recolheu-se á sua querida cella do collegio de Coimbra, e aqui findou seus dias, sendo sepultado na capella mór, que havia *erigido e dotado* [2] sob uma campa rasa, com este singelo epitaphio, que muitas vezes tivemos occasião de ler:

S. de D. F. Amador Arraiz, Bispo de Porta-Alegre, Feitura de El-Rei D. Anrique, seu Esmoler Mór. Foi o primeiro Religioso, que professou neste Collegio. Falleceu ao 1 *de Agosto de* 1600. [3]

(Continúa) R. DE GUSMÃO.

O FRADINHO DA MÃO FURADA

NOVELLA DIABOLICA

(Vid. pag. 6)

II.

O diabo, depois que derreou a bruxa com o referido castigo, e lhe mandou que dentro de quinze dias não fizesse signos salomonicos, nem o invocasse, sob pena de lhe tirar logo a vida, e lhe antecipar o inferno, onde eternamente beberia chumbo derretido, pelo sangue do innocente baptisado que chupára, mandou ás companheiras que referissem o que tinham feito; ao que ellas logo obedeceram, relatando taes enormidades e torpezas, que Peralta, por lhe parecerem indignas de se escreverem, não fez d'ellas memoria. Só referiu, que foram taes, que o diabinho lhes disse:

— Victor, amigas minhas, vós outras sim, que sois merecedoras de meus favores; eu vos engrandeço por superlativas bruxas. E porque tenho o hospede que alli vêdes, e é já tarde, vos podeis restituir a vossas habitações.

As bruxas, que até então não tinham reparado em Peralta, por attenderem sómente ao diabinho, e Peralta estar muito quieto e sem fallar palavra, retirado ao canto do aposento, tanto que d'elle houveram vista, transformando-se em gatos negros, saltaram pela janella fóra, dando horrendos hiúivos.

Assombrado estava Peralta, e sem gota de sangue, porque todo lhe tinha o coração com tremor do que vira, parecendo-lhe illusão do diabo o que julgava realidade; senão quando, desapparecidas as bruxas lhe disse o diabinho:

— Que te parece d'aquellas subditas minhas?

Peralta respondeu:

— Estou admirado, attonito, e como fóra de mim, porque ha gente tão bruta, tão cega, e tão irracional, que, conhecendo-te por executar maldades contra seus proximos, só para viverem quatro dias licenciosamente, á custa do desprezo com que as tratas, comprem um inferno onde hão de penar eternamente. Ó miseria grande! ó execravel maldade! Eu confesso-te que vivia enganado; pois por mais que ouvisse dizer, havia bruxas que obravam com teu favor grandes maleficios, e para isso te communicavam, não me podia persuadir que assim fosse, imaginando que não passava de superstição de mulheres embusteiras; mas agora que vi com os meus olhos o contrario do que imaginava, se não foi illusão do teu engano, fico desenganado, porque o coração sem arte não cuida maldade.

— Quantos d'esses enganos não ha no mundo! (disse o fradinho da mão furada). Mal sabes o que corre n'elle, e quantos fazem praça de christãos e virtuosos, que me estão entregues.

— *Con su pan lo coman* (respondeu Peralta), que eu lhe não tenho inveja; e lá lhe virá seu S. Martinho a tempo que o arrependimento não tenha remedio, «que quem tempo tem, e tempo espera, tempo é que o demo lhe leva». Mas é natureza humana, que com a edade, com a fortuna, com o interesse, com os vicios, se váe mudando, assim como os malevolos, com palavras, riso e lagrimas, encobrem o que tem no coração. Erram com capa de bem e amor proprio, perseveram e fazem reputação da vingança e da crueldade. Quanto melhor não fôra ao sugeito, que, persuadido de si, engana o mundo com capa de virtude, o não haver nascido, nem visto a luz do sol, por se livrar da eterna condemnação! Assim é aquelle que nas necessidades é humilde, e fóra d'ellas arrogante e desprezador; o que em si louva e affecta é o que lhe falta; julga-se fino na amizade, mas não a sabe guardar; despreza o proprio, e ambiciona o alheio; quanto mais alcança mais deseja; com bens e acrescentamentos alheios se consome de inveja.

— Mais pareces prégador que soldado (disse o diabinho), contra o habito da tua profissão! Porque os mais dos soldados, se não são diabos, são a pelle d'elles, nas obras e liberdade da consciencia com que executam seus vicios.

— É verdade que a vida do soldado é muito licenciosa (disse Peralta); mas nem por isso deixa de haver muitos tementes e reformados, porque os perigos de que escapam na guerra, muitas vezes lhes faz emendar a vida, por não os tomar n'elles a morte carregados de maleficios.

— Esses são poucos (respondeu o fradinho). Não queiras tu ser agora corrector do mundo, examina-te, porque não és tão Paulo que não tenhas caído em bastantes tentações. Não t'o digo, porque tu o sabes, e no meu livro de memoria tenho tomado o assento para tua collocação quando for tempo; mas ninguem vê as trancas nos seus olhos, e só vê os argueiros nos alheios.

Replicou-lhe Peralta:

— Confesso que fui moço e soldado, e que como tal caí em grandes desacertos contra a obrigação de catholico; mas agora arrependido e confessado, procuro emendar-me de meus erros, «que o gato escaldado de a ua fria tem medo». E porque este conhecimento obriga a apartar-me da tua companhia, e a luz da manhã vem já rompendo, peço-te me dês licença para proseguir meu caminho.

— Não sei que secreta causa (disse o diabinho) me obriga a te fazer bem. Segue-me, e irás aproveitado, já que tua ventura assim o permitte.

E descendo por uma escada, disse a Peralta que o seguisse, o que este fez contra sua vontade. Chegando a uma sotéa, e indicando-lhe o diabinho um canto d'ella, lhe disse cavasse com a sua adaga, que com pouco trabalho descobriria uma panella com quinhentos cruzados em oiro, que alli deixára enterrados um miseravel forrêta que n'aquellas casas morava, e morrêra subitamente havia mais de cem annos.

Assim o fez Peralta, e brevemente descobriu a panella com a quantia mais copiosa que a que o diabinho dissera. Recommendou-lhe este que a accommodasse no alforge, e se partisse logo, que elle o queria acompanhar até Lisboa, para o livrar d'alguns contrastes que no caminho lhe podiam succeder, e manifestar-lhe os enganos do mundo.

---

[1] *Soutto-maior. Tractado da cidade de Portalegre, etc.*

[2] *Dialogos de D. Fr. Amador Arraiz, Bispo de Portalegre*, Dial. Decimo cap. LXXXV, pag. 325, II *Ed.*

[3] No dia 2 de Fevereiro de 1853 arrombou-se o carneiro, levantou-se a campa, revolveram-se, tiraram-se para fóra estas venerandas reliquias, sem que lhes valesse, para escusar tão impia violação, a paz e immunidade sepulchral de pouco menos de trezentos annos. Invadiu-se, despejou-se o pobre jazigo de um frade do seculo XVI, para n'elle se recolher o cadaver de um conselheiro do seculo XIX! Bradámos contra esta escandalosa profanação, e bom resultado teve o nosso brado. A Ordem Terceira da Penitencia, cujo era o templo, transferiu para uma urna os ossos d'aquelle varão por tantos titulos venerando; fez desalojar o cadaver do conselheiro, e o sarcophago de D. Fr. Amador Arraiz continuou a guardar sómente os ossos do caridoso bispo de Portalegre.

Sentidissimo ficou Peralta da offertada companhia; e antes, de boa vontade, largaria o dinheiro que ir com o diabo. Pelo que respondeu:

— Deixe-me vossa diabrura ir só, porque tenho muito medo dos seus enganos, e me não deixará lograr uma só hora de descanço. Se para isso é necessario largar esta panella de dinheiro, eu o faço de muito boa vontade.

Ao que o diabinho replicou:

— Não sei que secreta causa me obriga a respeitar-te, e a fazer-te bem; assim não te hei de largar até pôr-te a salvo.

— Pois já que assim é (respondeu Peralta), e te resolves a acompanhar-me, ha de ser com a condição que me não has de impedir as boas obras que fizer.

Disse-lhe o diabinho:

— D'isto dou-te eu firme palavra.

E Peralta respondeu:

— Vamos em boa hora.

N'esta conformidade partiram da pousada (ou conciliabulo) o fradinho da mão furada e o famoso Peralta. Chegados que foram á ribeira chamada Encharrama, como n'aquella noite tinha chovido muita agua, ía a corrente de monte a monte; mas sem embargo d'isso, mandou o diabinho a Peralta que passasem, que elle o tomaria ás costas, e a pé enxuto o poria da outra parte do rio, em paz e a salvo. Não consentiu Peralta, dizendo-lhe:

— Vossa diabrura faz de mim Judas, quer mergulhar-me com a panella do dinheiro? Rodeiemos um pouco, e vamos á ponte, que o mais seguro é o mais perto.

N'isto com facilidade conveiu o diabinho, por ter occasião de mostrar a Peralta, que por mais que se acautelasse dos seus enganos, não se poderia vêr livre d'elles, se como diabo os quizesse executar. Caminharam breve espaço, e pareceu a Peralta que estava na ponte, porque o diabinho phantasticamente lh'a representou fingida; e indo-a passar, logo ao principio desappareceu a supposta machina, e se viu Peralta no meio do rio, sustentado no ar pelo diabinho, o qual lhe disse, que alli veria o pouco que importavam para com elle prevenções e cautelas, quando quizesse executar maldades; porém que não desconfiasse mais d'elle, por não dar occasião a fazer verdadeiros os seus receios.

Assombrado ficou Peralta quando se viu no meio da corrente impetuosa, pendendo da vontade de quem o sustinha, imaginando que para executar a maldade de o afogar n'aquelle rio, usára o diabinho com elle os referidos enganos. Fazendo interiormente, n'aquelle aperto, actos de contrição, e pedindo soccorro ao ceo, esteve por muitas vezes largando o alforge com os cruzados que trazia, julgando-os tão falsos como o dono, e tambem por ficar mais desembaraçado para luctar com as aguas. Mas fazendo das tripas coração, e da necessidade virtude, mostrando que não temia nem devia, disse ao diabo que o pozesse em terra, que d'alli por diante o reconhecia por fiel amigo. Assim o fez o diabinho, e foram ambos caminhando para a cidade de Evora, Peralta imaginando nos meios que havia para se apartar de tão prejudicial companhia, e o fradinho fulminando embelecos para executar suas maldades.

Chegaram á dita cidade, e aposentaram-se n'uma estalagem á porta de Aviz. N'ella deixou o diabinho a Peralta, dizendo-lhe que descançasse e se regalasse aquelle dia, que elle ia dar uma volta pela cidade, a fazer umas galanterias, e que á noite se veriam.

Com isto se despediu o fradinho, e Peralta se recolheu a um aposento, onde fechando-se por dentro, tirou do alforge o dinheiro, que já se não podia persuadir fosse tão favorecido da ventura, que por tão estranho meio lhe deparasse ella aquelle remedio para reparo de tantas miserias e trabalhos, como na milicia tinha padecido.

Tirado o dinheiro, e desenganado com a vista d'elle, e da sua realidade, não cessava de dar graças ao ceo por aquelle amparo; porque, como nada se move sem sua permissão, embora o instrumento d'aquelle bem fosse o demonio, o attribuia a maravilha da divina Providencia; e assim, em agradecimento de tal mercê, promettia fazer todas as boas obras que podesse.

Depois de Peralta contar o dinheiro tres ou quatro vezes, e tirar d'elle o que lhe pareceu necessario para os gastos do caminho, pediu linhas e agulha á dona da casa, gastando o restante da manhã em coser os dobrões entre os forros do gibão e da roupeta.

Acabada esta obra, pediu de jantar, e tratou do regalo da sua pessoa, como quem se achava com dinheiro fresco, pois pela vida de soldado que professava, nada tinha de miseravel, como alguns maldictos, que feitos escravos do dinheiro, por não trocarem um tostão se deixam morrer á fome, e jejuam sem nenhum merecimento, poupando para outrem o que não applicam para si.

O nosso Peralta, que era livre d'esta relé miseravel, além da ôlha da hospedagem, mandou assar uma boa franga, e vir fruta, queijo, azeitonas, etc. E em cima de tudo, com bom licor de pera-mança, fez a razão e a socéga. Depois de jantar, como tinha velado a noite passada, fechou a porta do aposento, e lançou-se a dormir.

Entregues os sentidos exteriores ao somno, ociosidade da alma e esquecimento dos males, porém soltos os interiores, como a Peralta se lhe não tirava do sentido o fradinho da mão furada, lhe occorreram á phantasia varias imaginações, ajudadas do vapor da pera-mança, figurando-se-lhe, com representações evidentes, que se via com elle no inferno!

(Continua)

COSTUMES POPULARES DO MINHO

I

De todas as provincias de Portugal é o Minho a que offerece mais interesse ao estudo dos costumes populares.

Quasi tudo alli parece tocado de um raio de graça e de poesia. Aquelles prados sempre vecejantes; os bosques frondosos debruando os rios, e vestindo as collinas; tantos rios de amenissimas margens; fontes sem numero a brotar por toda a parte; os valles parecendo jardins; os montes em perenne primavera; em fim todas estas bellezas naturaes fallando ao coração palavras de doçura e felicidade, e elevando a alma ao Creador de taes maravilhas, policiam e adoçam os costumes, e fazem poetisar as imaginações mais prosaicas.

Não exagerâmos; dizemos pura verdade. Mas não comprehendemos em a nossa asserção os habitantes das cidades e villas. Esses são o mesmo em toda a parte, salvas certas modificações devidas á grandeza e situação geographica das terras. Tratâmos sómente dos moradores do campo, dos camponezes propriamente ditos.

O viajante que vae vel-os no centro das suas aldeias, fica forçosamente enlevado nas scenas que se lhe offerecem á vista, sobre tudo se for d'estas provincias do sul, porque então o contraste ha de augmentar-lhe o enlevo.

Nos trabalhos ruraes, no seio da familia, e nas festas populares aquella boa gente vive vida patriarchal. Ide procural-a quando mais occupada andar nas lides da lavoira. Vereis familias inteiras e differentes associadas no trabalho, auxiliando-se mutuamente.

Vereis crianças, adultos, e velhos, nas fadigas mais penosas, ou rasguem com o arado as entranhas da terra, ou ceifem curvados as suas cearas, ou apanhem as uvas dependuradas nas arvores, ou espadellem o linho, vertendo o suor do rosto, sempre alegres e satisfeitos, fallando, gracejando, e cantando sem cessar. Quem os ouvir, sem os ver, julgará que brincam, mas não póde crer que trabalhem.

Na verdade o trabalho por aquelle modo não representa o castigo que foi dado ao homem ao ser



Costumes populares do Minho — Desenho de Nogueira da Silva

expulso do paraiso. Póde considerar-se simplesmente como um exercicio hygienico em meio de variado folgar.

As desfolhadas do milho, as espadelladas do linho, e o pizo da uva no lagar fazem-se ordinariamente de noite. O lavrador dá parte aos visinhos do serão que prepara, e logo ao cair da tarde tem cheia a eira de donzellas e mancebos.

O serão desapparece em meio dos gracejos e risos. Nunca faltam n'essas noites os mascarados ou *encamisados*, como lá lhes chamam, precedidos de tres ou quatro musicos. Costumam ser os instrumentos clarinete, flauta ou pifano, viola franceza ou guitarra, rebeca, e ás vezes zabumba.

Disfarçando a voz, e excitando a curiosidade das donzellas com ditos mais ou menos chistosos, dão começo os *encamisados* ao trabalho e á funcção. Depois vem as massarocas vermelhas, e as raiadas, que offerecem occasião a motejos e furtadellas de abraços, com que a conversação se anima, a sociedade se alegra, e o trabalho corre sem se sentir.

Ao serão segue-se a ceia, offerecida pelo lavrador aos que vieram ajudal-o em seus trabalhos de lavoira. É servido o banquete campestre debaixo de uma alpendrada ao lado da eira. Raras vezes, ou nunca, ha assentos que cheguem para todos os convivas. Mas é bastante havel-os para as mulheres. Sentam-se estas

em volta de um grande alguidar, que contém a ceia, quasi trasbordando. Os homens comem de pé. Os mancebos, com ademanes folgazões, servem ás raparigas a bróa e o vinho verde.

Acabado o brodio tudo salta para o meio da eira, que n'um momento se transforma em salão de ruidoso festim. Repercutem no ar, em alegres musicas, os sons pouco accordes dos mencionados instrumentos. E os rapazes e as raparigas, sempre cantando unisonos, volteiam, requebram-se, e pulam em danças variadas ao uso da terra.

Entremeia-se o baile, para descanço dos pares, com engraçadissimos descantes ao desafio entre duas pessoas do mesmo ou differente sexo.

É coisa realmente muito para se ouvir e admirar, estes combates do espirito ou do coração expressados em phrases sentidas e versos sonoros. Umas vezes tudo significa expansões d'amor. N'outras são scenas de crueis ciumes. E não é raro representarem tambem encarniçado duello, originado em antigas rixas. Mas seja qual for o sentimento que os anime e incite, as palavras que n'aquelles dialogos improvisados lhes vem aos labios são todas cheias de ardor, e pintam imagens tão bellas e variadas, exprimem pensamentos tão repassados de poesia, que ainda quando lhes não déssem a fórma agradavel de versos rimados, ficaria sempre um poema em prosa.

E não é só interessante ouvil-os, interessa e commove vel-os e seguil-os com attenção em todas as fases do desafio. Á maneira que se succedem as expansões amorosas, ou os queixumes ciumentos, ou as provocações do odio, brilham e scintillam seus olhos; affogueiam-se e reluzem-lhes as faces; animam-se e parecem fallar todas as feições. Seus rostos são então perfeitos espelhos, onde se reflectem com todo o relevo e colorido da verdade, as paixões que lhes referverm n'alma.

Quem só tem presenciado estes desafios poeticos entre os saloios dos arredores de Lisboa, ou em outra qualquer parte d'estas nossas provincias do sul, não póde dar credito ao que dizemos. Pois somos exactos na pintura que fazemos. Muitas vezes, e em diversas aldeias do interior da provincia, temos sido testimunhas d'estas scenas dos costumes populares do Minho.

Finalmente, divertidos nos trabalhos, e só cançados de folgar, aquelles bons camponezes recolhem-se aos seus lares, já alta noite, para recomeçarem ao romper da aurora suas lides e alegrias.

II

No seio da familia não são menos dignos de observação e de admiração. Á sobriedade, actividade, e economia, em que todos são exemplarissimos, homens e mulheres, juntam de ordinario aquellas virtudes domesticas, que mais apertam os laços do sangue.

Criados desde a infancia em occupações proporcionadas á edade e ás forças de cada um, bêbem com o leite o amor do trabalho, e n'este crisol se desenvolvem e afinam o amor e obediencia aos paes, a paciencia nos soffrimentos d'alma e corpo, e a perseverança nas contrariedades da sorte, e nas fadigas da vida.

Taes habitos em meio de um paiz tão formoso e tão fertil, produzem necessariamente certa elevação nos pensamentos, e muita doçura no trato. E é por esta razão que aquelles aldeões, tão meigos dentro em seus lares, tão doceis e serviçaes com os visinhos e com os estranhos, tão caritativos com os pobres e afflictos, que para vos servirem de guia torcerão de bom grado meia legoa do seu caminho, que tanto se humilham a quem os trata com carinho, são altivos e orgulhosos, e promptos a desaffrontarem-se, se por qualquer modo os desattendem ou maltratam. Levados por bem não ha gente que mais faça por servir e agradar. Mas por mal são indomitos, e consideram a resistencia como um dever da propria dignidade.

Quem quizer ajuizar dos sentimentos affectuosos com que estes camponezes são dotados, ha de ir vel-os nas suas modestas casinhas á cabeceira do leito de um doente, feitos enfermeiros assiduos, desvelados e carinhosos. Ha de ir vel-os a pensarem o gado como a mãe extremosa pensa os filhos, amimando, acariciando, e beijando os bois, seus companheiros de trabalho, todas ás vezes que os submettem ao jugo, ou os conduzem ao descanço, ou os levam ao pasto. Ha de ir vel-os, em fim, á Foz do Douro, nos momentos solemnes da despedida derradeira entre os mancebos que vão buscar riqueza ás praias longinquas da America, e os paes, irmãos, e amigos, que se ficam finando de saudades.

Nunca vimos scena alguma da vida humana de mais ternas commoções, de uma dor mais vivamente sentida e expressada que essas tristes despedidas.

Os parentes e amigos d'esses moços aventureiros, que em tão verdes annos vão tentar fortuna atravez de tantos perigos, acompanham os viajantes até ao Porto. Se os seguirdes ao cáes, julgareis pelos abraços e beijos sem conto, pelas lagrimas ardentemente vertidas, e finalmente pela desesperação das mães, que essa despedida é a ultimá. Pois não é.

Levanta ferro o navio; desfralda as velas; e começa a cortar brandamente a corrente do Douro levado pelo vento, ou pelo vapor de reboque. As bandeiras e flamulas multicores de que vae empavezado como em dia festivo, contrastam singularmente com as lagrimas, que lhe cáem sobre a amurada, onde estão apinhados os pequenos viajantes, acenando continuamente para terra com os lenços ou chapeos.

Pela estrada marginal com direcção á barra caminha a tribu aldeã, triste mas não silenciosa, porque se vae sempre carpindo, e seguindo sempre o navio com os olhos e acenos de saudosissimos adeuses.

Chegando ao extremo limite, onde o Douro perde o seu nome confundindo-se com as vagas do Oceano, sobem os desolados camponezes aos rochedos, que em longa fileira se estendem na frente do castello da Foz até se mergulharem de um lado no rio, e do outro no mar.

É alli o logar da derradeira despedida. É alli que as mães sentem em toda a extensão da dor arrancarem-lhes dos braços os queridos filhos, talvez para nunca mais os verem! É d'alli que se ostenta ao amor maternal, com mais hediondo e ameaçador aspecto, o vulto gigantesco d'esse horrivel flagello, que dizima os miseros colonos ao saudarem o solo do Brasil.

Se quizessemos, e soubessemos, pintar em quadro fiel as scenas de despedida, que ahi temos por vezes presenciado com profundo recolhimento e aperto do coração, julgariam os nossos leitores que nos recreavamos descrevendo scenas theatraes, filhas da imaginação do poeta.

Digamos, porém, em honra d'aquelle excellente povo, que taes provas de affecto e de saudade, com tamanha energia e tão do fundo d'alma manifestadas, dão a perfeita medida da alma e do coração d'esses camponezes, e constituem um dos quadros mais sublimes dos costumes populares do Minho.

(Continúa) I. de Vilhena Barbosa.

A honra da mulher comparo eu á conta de algarismos; tanto erra quem errou em um como quem errou em mil.

Façam as honradas boas contas, que acharão esta conta certa.

D. Francisco Manuel.

APONTAMENTOS PARA UMA BIOGRAPHIA [1]

Do crime os quadros a virtude apuram.

VI

Conta-se dos antigos espartanos, que costumavam expôr aos olhos de seus filhos imberbes um escravo inebriâdo, no intuito de premunil-os com a força d'esse exemplo hediondo e repugnante. Fazendo-os testimunhas dos excessos e desconcertos a que se deixa arrastar a humanidade, quando enfraquecida ou de todo alienada a razão pelas demasias do vinho, tinham para si, aquelles austeros republicanos, que outro meio não havia mais efficaz para radicar no animo dos mancebos o amor da sobriedade, inspirando-lhes ao mesmo tempo sentimentos de tedio e desprezo contra os que se entregavam ao vicio da embriaguez.

Registando nas paginas do *Archivo* a narrativa singela, authentica, e de todo o ponto desapaixonada, que se apresentou á consideração dos leitores nos capitulos precedentes, o sr. dr. Rodrigues de Gusmão forneceu, a meu ver, menos um assumpto a curiosidades novelleiras, que um real e prestadio subsidio ás investigações de futuros historiadores. É sabido quanto importam ao conhecimento e apreciação dos successos publicos, que a historia se encarrega de transmittir á posteridade, estas scenas palacianas da vida intima, que tão bem caracterisam a indole de uma corte devassa e corrompida, e que não poucas vezes tem exercido ponderosa, e até decisiva influencia na governação dos estados.

Acontece, porém, que boa parte d'essas anecdotas que encerrariam em si a explicação de enigmas, aliás indecifraveis, envolvidas por sua natureza nas sombras do mysterio, passam completamente ignoradas. E as que não conseguem subtrahir-se de principio á publicidade, depois de correrem por gradações successivas, mais ou menos alteradas na tradição oral dos coevos, chegam com o volver dos annos a apagar-se totalmente na memoria dos vindouros.

Serviço de valia inquestionavel, e credor de agradecimento, é, pois, o de quem divulga á face do mundo estes factos escondidos, encommendando á imprensa o cuidado de perpetual-os; e auctorisando-os para logo com documentos insuspeitos, proprios para desvanecer ainda em espiritos nimio escrupulosos, as duvidas que racionavelmente poderiam acaso suscitar-se contra a sua veracidade. Fôra para desejar que se multiplicassem entre nós estes quadros fieis, cujo exame nos habilitaria, e aos que nos succederem, para ajuizar com verdade e desassombro do caracter de reinantes, que tantas vezes só nos é dado aferir pelo typo enganoso das feições que lhes emprestaram servis ou alugados panegyristas.

Nem creio que seja de menor alcance a vantagem que da vulgarisação de taes exemplos provém á mocidade, ao menos na opinião dos que, como eu, anhelam por vel-a educada liberalmente, e precavida contra os perniciosos inconvenientes da concentração do poder arbitrario, e suas inevitaveis consequencias. De mim sei, que ouvindo contar em familia, por quem estava n'estes segredos assaz iniciado, a historia da infeliz D. Eugenia, foi isto bastante para que na edade de sete annos, se tanto, concebesse um horror invencivel, que ainda agora conservo cada vez mais radicado, aos governos chamados *absolutos*: isto é, áquelles em que a vontade suprema do imperante, estribando-se no *Pér me reges regnant*, e n'outros similhantes textos em que a palavra divina ha sido interpretada ao sabor das paixões e interesses mundanos, estabelece as leis para calcal-as depois a seu capricho, e faz, quando quer, vergar a vara da justiça, sem que haja direito para tomar-lhe conta das suas iniquidades, ou ter mão nos seus desvarios!

[1] Complemento dos que se publicaram a pag 382, e 886 do vol. passado.

VII

N'este presupposto occorreu-me sollicitar da benevola e illustrada complacencia do meu amigo, a faculdade, que obtive, de annexar aos documentos ou peças justificativas por elle intermeiadas no curso da sua narrativa, outra não menos importante que a fortuna me deparára. É a sentença dos desembargadores da Relação de Lisboa, que dando por provado o crime, pronunciaram a pena de morte contra o pretenso raptor de D. Eugenia! Traço caracteristico, que, se não me engano, concorrerá para mais avivar o desenho do quadro, e offerecerá novo e significativo assumpto para reflexões a espiritos despreoccupados.

Cabe notar aqui a impossibilidade em que estou de accordar entre si as contradictorias versões, ouvidas de contemporaneos, que se inculcavam sabedores do caso, quanto ao papel que n'aquelle drama tenebroso representára o medico Oliveira. Se uns affirmavam ter havido da parte d'elle prévio conhecimento do trama, e que se prestára a servir-lhe de instrumento, mediante uma somma consideravel, outros pretendiam ao contrario, que fôra insciente de tudo, e que partira no paquete para Inglaterra, mandado sob pretexto de serviço, e totalmente ignorante da traição que se lhe urdia. Por honra da humanidade desejar-se-hia que esta segunda versão tivesse ao menos as presumpções de realidade! O que não padece duvida é, que sendo a supposta fugitiva transportada de Lisboa para Cadix a bordo de um cahique, a fim de ser alli, como de feito foi, ostensivamente perseguida e capturada pelos que iam em seu alcance, nem estava com ella, nem existia na cidade o imaginario complice!

Seja porém o que for, ahi vae fiel e integralmente a sentença alludida:

«Accordam em Relação, etc. Que vistos estes autos, que na conformidade do decreto do mesmo senhor, com parecer do seu regedor, se fizeram summarios no accordam fl... ao réo João Francisco de Oliveira, que foi physico-mór dos exercitos, e medico da real camara do mesmo senhor, pelo torpissimo e abominavel attentado com que prevaricou no exercicio do seu emprego, abusando da faculdade e entrada que por elle se lhe permittia na pousada de D. Eugenia José de Menezes, dama do paço, alliciando-a até ao ponto de a raptar, ausentando-se com ella fugitivo, pelo que se procedeu a devassa e mais averiguações appensas: do que o sobredito réo sendo citado por editos a fl..., e sendo-lhe nomeado curador no dito accordam fl... se não exonera, reconhecendo o mesmo curador a enormidade do seu delicto na allegação fl... que fez por parte do mesmo réo, recorrendo sómente á equidade que possa abrandar o rigor da lei. E como pelos autos se mostra que o sobredito réo João Francisco de Oliveira, prevalecendo-se da entrada no real paço, que lhe conferia o officio de medico da real camara, temeraria e aleivosamente abusou d'ella, para se introduzir na frequente assistencia que tratava na pousada da dama do mesmo paço D. Eugenia José de Menezes, alliciando-a até ao ponto de a raptar da casa de seu irmão, para onde saíu licenciada com o pretexto de molestias, e d'onde o mesmo na noite de 27 de maio de 1803 a levou para as praias proximas ao logar de Cachias, onde tinha preparada e prompta a embarcação em que com ella se transportou fugitivo, de sorte que sendo ella achada em Cadix, não houve noticia d'elle, nem consta de parte certa onde possa ser achado; pelo que foi citado por editos fl... : O que tudo é constante, não só da devassa appensa, mas até é facto de notoriedade publica, sem duvida em contra-

rio, e por isso e como tal reconhecido na sentença appensa de degradação da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, proferida na mesa competente, em execução do real decreto inserto no appenso ultimo, na qual foi o mesmo réo relaxado á justiça secular; e é de egual notoriedade a grande differença que ha da linhagem e qualidade da dama raptada á do réo levador, circunstancias que a lei manda observar para a comminação das penas, é que tem estabelecido que estes delictos, além da aleivosia com que foram commettidos, quer se attenda á frequencia do réo no paço, quer na casa do irmão da dama raptada; portanto e mais dos autos, condemnam ao sobredito réo João Francisco d'Oliveira, a que com baraço e pregão seja levado até ao logar da forca onde morrerá morte natural para sempre; e visto estar ausente, o hão por banido, e mandam ás justiças do dito senhor que appellidem contra elle toda a terra, para ser preso, ou para que cada um do povo o possa matar, não sendo seu inimigo: e na confiscação e perdimento de seus bens para o fisco e camara real, e nas custas». Lisboa 12 de junho de 1804. — *Pereira de Barros.* — *Saraiva d'Amaral.* — *Rocha.* — *Corrêa.* — *Sacadura.* — *Costa.* — *Dr. Fonseca.* — *Sampaio.*

Como circunstancias não de todo inuteis para a biographia de D. Eugenia, acrescentarei que, segundo as informações que pude recolher, esta senhora nasceu em 1781, na então capitania, hoje provincia de Minas Geraes, do imperio do Brasil, a tempo que seu pae D. Rodrigo José de Menezes exercia alli as funcções de governador e capitão general no periodo de 1780 a 1783. De cinco irmãos que teve, foi o ultimo que lhe sobreviveu o conde da Louzã, D. Diogo de Menezes, fallecido já no anno corrente; o qual, se vivesse até ao primeiro d'agosto proximo futuro, completaria n'esse dia 90 annos de edade; fidalgo sempre bemquisto e respeitado por suas excellentes qualidades.

INNOCENCIO F. DA SILVA.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

ORIGEM DO ABUSO DE PALAVRAS E IDIOTISMOS FRANCEZES QUE SE TEM INTRODUZIDO NA LINGUA PORTUGUEZA.

Ainda não vae tão longe a origem da epidemia que nos seja desconhecida, nem é tão complicada que facilmente se não possa desenvolver. Ha tempos que principiou em Portugal a cultivar-se com grande fervor a lingua franceza; uns a estudaram por curiosidade, outros por interesse, porém a maior parte dos que se deram ao estudo d'esta lingua, foi gente que nunca estudou a portugueza, nem a leu nos auctores classicos; contentava-se com o uso tal qual, e esse lhes parecia bastante para interpretarem os livros francezes. Não tendo á mão os termos proprios e elegantes da nossa lingua, não havia coisa mais facil que aportuguezar qualquer termo, qualquer phrase que se offerecesse no contexto de uma obra, ou porque julgassem que assim os tinham em portuguez, ou porque lhes parecia a lingua pobre, e os taes vocabulos necessarios. Fosse como fosse, a nova linguagem pareceu maravilha!

N'outros não era tanto a falta de conhecimento da lingua, nem dos auctores nacionaes, como uma especie de enthusiasmo que lhes fazia considerar, no estilo francez, não sei quê de mais relevante.

Não me póde esquecer certa personagem que, na conversação com seus amigos, a todo o proposito inculcava as palavras francezas, com seus estribilhos, por exemplo: *A miscellanea*, a que os francezes chamam *bigarrure*. Ou, *isso é uma excessiva bizarria*, como dizem os francezes. Ia sempre adiante o passaporte, «como dizem os francezes;» de modo que o mesmo homem fallava francez e portuguez a um tempo, e a portuguezes, pondo na mesma phrase a palavra franceza e a portugueza, dobrando os termos sem quê, nem para quê.

Estes ensaios passaram a maior progresso. Os impressores queriam occupar o prelo, e os livreiros ganhar a sua vida. Commetteram-se traducções de varias obras e tratados (que parece teriam extracção), aos aventureiros que se presumiam capazes de similhante empreza, ou elles mesmos as offereciam sem esperar que os rogassem, e nas circunstancias presuppostas, sendo similhantes traducções feitas muito á pressa, umas inspiradas pela fome, outras pela presumpção, saíam taes como se podia esperar. Apparecia no publico mais um livro novo em linguagem da moda. Das lojas dos livreiros e botequins saíam os votos das obras traduzidas, e recommendações aos desejosos de fruta nova. Se era uma collecção de sermões, passava ás mãos de prégadores principiantes; se era uma historia, novella ou obra de theatro, servia de recreação ao cavalheiro e ao escudeiro curioso. Os dogmatistas, que liam o francez, não deixavam de achegar-se ás versões dos tratados pelo convite de alguma nota aqui ou alli, ou simplesmente pelas inculcas que dera o impressor no aviso ao publico. Ninguem se embaraçava com gallicismos, nem se enojava dos termos e phrases improprias que iam envolvidas no contexto. Applaudia-se a linguagem por ser nova, sem se advertir que era barbara ou extravagante. E feita a leitura nas palestras, não havia coisa mais ordinaria que o dizer-se em tom decisivo: *Isto é bello. Está bem fallado.* Tomando cada qual por bello e bem fallado o mesmo que não entendia!

O que mais admira é que muitos homens doutos, e versados nos nossos auctores, que não deixavam de conhecer esta desordem, se deixaram (não sei como) levar da torrente, e abraçaram as francezias, querendo mais comprazer com o gosto dos insensatos, do que seguir a prudente austeridade de pequeno numero dos censores judiciosos; e o peior é que o seu exemplo tem servido de auctorisar e propagar a corruptella, principalmente nos pulpitos, onde (por desgraça nossa, e da maior dos mesmos prégadores) a doutrina de Christo, já por moda, costuma ter mais de phrase franceza que de phrase evangelica! D'aqui é que o povo aprende com a doutrina os vocabulos, ou (o que é mais commum) aprende os vocabulos sem doutrina, e tanto mais perversamente se insinuam n'este vicio, quanto mais loucamente os applaude sem entendel-os.

Tal tem sido a origem e progressos do mau gosto, por cuja influencia se tem corrompido a lingua portugueza. Assim é que ella tem degenerado da antiga consistencia e vigor, por modo, mui similhante, ao com que antigamente se principiou a corromper a lingua latina. Do que manifestamente se colhe a urgente necessidade em que estamos, de expurgar o nosso idioma, e fazer a mais forte opposição a esta moda prejudicial.

Applaudam-se só, a si mesmos, os neólogos de tão miseravel como inutil trabalho. Que serviço lhes deve a lingua e a patria? Quando os termos estrangeiros fossem melhores que os nossos, não seriam ao menos entendidos, como convem, n'um idioma que se falla, e n'este caso, que mercê nos faria quem nos fallasse n'uma lingua que nós não entendessemos, a titulo d'ella ser melhor que a nossa? Mais depressa diriamos que se escarnecia da nossa simplicidade, do que se compadecia da nossa necessidade.

Isto escrevia o academico Antonio das Neves Pereira em 1792.

Que não diria elle se vivesse hoje, e lesse os periodicos?